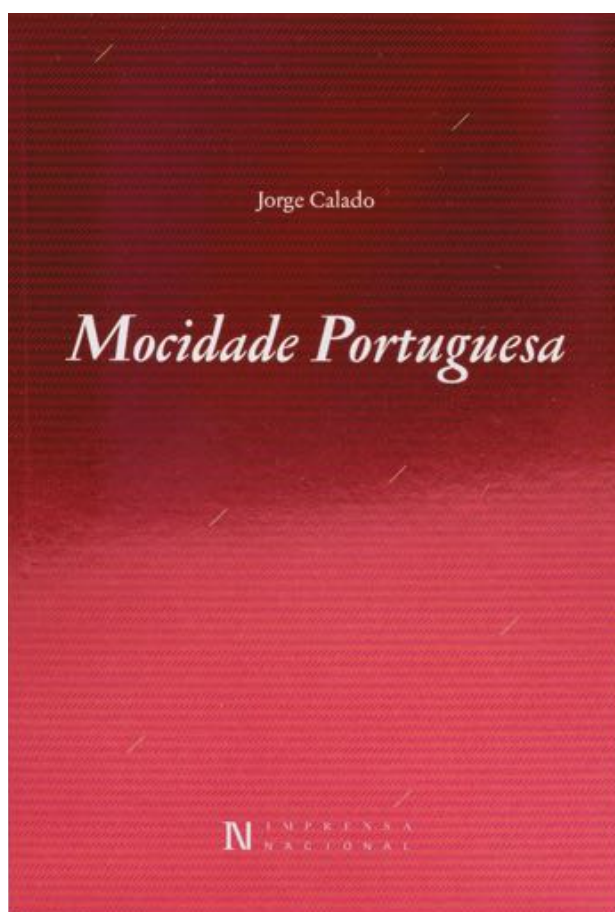


Mocidade Portuguesa, de Jorge Calado

>
João Paulo André

Quem está familiarizado com o trabalho de Jorge Calado (Professor Emérito do Instituto Superior Técnico), quer como docente de química e investigador da termodinâmica de fluidos moleculares e das suas misturas, quer como crítico cultural, curador de fotografia e escritor, sabe que vultos como ele são raros, cá e em qualquer lado. A sua obra mais recente, *Mocidade Portuguesa*, um livro que (numa primeira abordagem) se lê compulsivamente (a primeira edição esgotou num ápice!), constitui-se como um conjunto de revelações pessoais, narrativas e reflexões sobre o Portugal salazarista do período compreendido entre os inícios da década de 1940 e 1966, ou seja, desde os anos de tenra idade do autor até à sua ida para Oxford, para se doutorar. Desenganem-se os que, levados pelo título, pensem que nela encontrarão algo referente à Organização Nacional Mocidade Portuguesa. Trata-se somente de uma pequena provocação do autor que, na verdade, nunca participou nas atividades da famigerada organização juvenil de inspiração nazi.

Estruturado em três secções – Casa, Cidade e Mundo (o universo do autor em expansão) –, *Mocidade Portuguesa* compreende um preâmbulo e dezoito capítulos, desde «Jorge» a «Oxford», passando por «Vizinhos», «Azul», «Bairro», «Família», «Livros», «Liceu», «Shakespeare», «Música», «Bichos» e «Ciência», só para referir alguns. No preâmbulo somos informados de que se trata de um «retrato de um estilo de vida esquecido; o passado contado por um jovem que aprendeu a treinar a memória», advertindo-nos o autor que «não é uma biografia, nem um livro de memórias, muito menos um ensaio de pendor social», concedendo, porém, que partilha aspetos com todos esses géneros. Acrescenta ainda que o livro é «o retrato da educação cívica, cultural e sentimental de um miúdo dos anos 1940, um adolescente nos anos 50, um jovem adulto nos anos 60, provavelmente semelhante a muitas outras dessa época», fazendo questão de esclarecer (não vá o leitor julgar que se trata de um livro dominado pela nostalgia) que nem tudo no passado era encantador. Posto isto, convirá sublinhar que esta componente autobiográfica de *Mocidade Portuguesa* lhe confere, logo à partida, um lugar de destaque, porquanto se trata de um género



Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Coleção «Olhares»
ISBN: 978-972-27-2923-0
568 páginas
Março, 2022

literário quase inexistente no nosso país, ao contrário do que se verifica no mundo anglo-saxónico, com o qual o autor tem, de resto, grandes afinidades.

Uma característica essencial desta obra, ou melhor, de Jorge Calado, é a fluidez mercúrica com que passa de uns assuntos a outros, inesperados, relacionando sempre tudo (ou não fosse dele o prodigioso *Haja Luz – Uma História da Química através de Tudo!*). Recorrendo a uma escrita elegante, mas não rebuscada,



Jorge Calado. Daniel Rocha ©

de frases curtas e incisivas (como é seu hábito), as descrições, ainda que vivas e pictóricas, são sóbrias e sem sentimentalismos (por vezes dir-se-ia serem apenas eficazes sugestões), mesmo quando aborda questões como as condições de vida dos estratos mais desfavorecidos da população. As preocupações sociais estão lá, mas o autor serve-se de outros recursos. Por exemplo, ao mencionar a «praga do trabalho infantil» observa que faltou em Portugal um Charles Dickens que a denunciasse nos seus romances.

A mesma contenção poderá ter presidido à seleção da fotografia da varina que nos é mostrada na página 201: uma mulher sorridente. A escolha poderia ter recaído sobre um registo fotográfico a acentuar o triste fadário daquelas mulheres que, frequentemente descalças, calcorreavam Lisboa de canastra à cabeça. Fotos dessas não faltam e o autor conhece-as melhor do que ninguém; contudo, optou pela de uma varina que sorri. Terá pretendido dizer-nos que já em moço acreditava que a felicidade é para todos, ou será antes porque o sorriso da vendedeira espelha o modo como o adolescente Jorge (vi) via a sua cidade?

A escolha das imagens é a todos os níveis notável. Cada capítulo é precedido por uma introdução visual, podendo destacar-se, a título exemplificativo, o cartaz do filme *A Vizinha do Lado* (1945) de António Lopes Ribeiro, os anjos góticos de vestes azuis do Díptico de Wilton e a fotografia de Maria Callas à chegada a Lisboa em 1958, rodeada por uma multidão de jornalistas e admiradores (entre os quais se conta o autor, frente à diva e de costas para o fotógrafo). O primeiro serve de preâmbulo a «Vizinhos»; os segundos anunciam «Azul» (capítulo que, a propósito da cor com que tradicionalmente os meninos eram vestidos, é uma verdadeira *lição de química para o povo*); a terceira dá, logicamente, o tom a «Música».

Mocidade Portuguesa é um colorido mosaico de uma Lisboa já inexistente, mas também é, e muito, uma narrativa de afetos (vejam-se, por exemplo, «Vizinhos» e «Criadas»). O autor faz-nos amiúde sentir como as nossas vidas de hoje são cada vez mais pobres em interações (reais) com os outros.

Trata-se, incontestavelmente, de uma obra de grande préstimo para todos, e em particular para as gerações mais novas, que com ela aprenderão como se vivia num país isolado, oprimido, pobre e analfabeto, em cuja capital, na década de 40, se cozinhava ainda em fogões de lenha, a água da torneira não era potável e, nas ruas, parcas em automóveis, circulavam ainda veículos de tração animal. Só uma minoria privilegiada chegava às universidades, apesar dos bons liceus existentes nas principais cidades (a que também só uns poucos acediam). Não havia televisão e na rádio ouvia-se fado e, à noite, a Orquestra Ligeira da Emissora Nacional e os poemas que Carmen Dolores e João Villaret declamavam no *Serão para Trabalhadores*. O São Luís tinha uma temporada de teatro francês e o São Carlos apresentava récitas de ópera com os maiores cantores do mundo, frequentadas pela elite, que para o efeito se vestia de gala; no Coliseu dos Recreios havia as récitas populares. Por cá também já andava o arménio Calouste Gulbenkian, que garantiria ao país o museu de arte internacional que, depois de tantas andanças pelo mundo, ainda lhe faltava. (A que acresceria a orquestra, o coro e o ballet, além do instituto de ciência.)

Além da utilidade e do puro prazer que constitui a sua leitura, *Mocidade Portuguesa* apresenta outra notabilíssima virtude: ajuda-nos a esclarecer a questão da escassez de figuras como Jorge Calado, acima enunciada. Dos progenitores (ambos professores) e da família, do bom ensino que o país lhe proporcionou (tendo chegado a ter no liceu um professor de Química doutorado pelo ETH de Zurique), assim como da oferta artística e cultural de Lisboa (e mais tarde da de outras cidades pelo mundo fora), de tudo isso o autor beneficiou. Mas beneficiou, acima de tudo, da perfeita combinação da matéria e do espírito que o compõem: inteligência, sensibilidade, memória, curiosidade, determinação, perseverança, rigor e organização. Fazer um Homem assim não é simples, e custa (no mínimo) um país, mas, neste caso, é o país que lhe está reconhecido.



> **João Paulo André**

Licenciado em Química pela Universidade de Coimbra e doutorado pela Universidade de Basileia, é Professor Auxiliar do Departamento de Química da Universidade do Minho. A par da docência e da investigação tem mantido uma intensa atividade de divulgação da ciência, centrada nas suas relações com a música, a arte e a literatura.

jandre@quimica.uminho.pt

ORCID.org/0000-0001-6761-171X